

31-08-2021

CRIANÇA: CRIATURA, CRIATIVA... (II)

Erick Zickwolff

[Mestre em Turismo pela UFF. Docente da Faetec-RJ.
Turismólogo da Prefeitura de Macaé/RJ]

...Quando uma criança toma consciência de ser, de que ela é algo, uma individualidade separada de sua mãe, que ela é alguém, toda a consciência que ela tem é justamente essa, de que ela É. Ela só passa a ter consciência de que é uma criança Católica, por exemplo, quando alguém aponta para ela e impõe a ela o catolicismo, porque criança alguma nasce pertencente à religião nenhuma. Ela é, geralmente, desde muito cedo, criada conforme os dogmas de uma determinada religião, geralmente aquela hegemônica na região onde vive, salvo raras exceções. No caso do Brasil, antes da chegada dos portugueses havia uma série de crenças relacionadas com a natureza e espíritos relativos a ela, praticadas pelos povos originários. Entretanto, com a força da Cruz e da espada, os portugueses forçaram muitos daqueles que eles simplesmente não mataram, a professar a fé cristã.

Quando escravizaram os diferentes povos africanos que foram trazidos para cá, proibiram suas práticas religiosas, que tiveram que ser disfarçadas sob as imagens dos Santos católicos para sobreviverem. Que direito os portugueses tinham de impor sua crença aos outros? Eles tinham o poder sobre a vida e a morte dos outros, o que Achille Mbembe chama de Necropoder ou Necropolítica. Mas o que Portugal tem a ver com Jesus? Sendo um país europeu, a região onde fica Portugal foi parte do Império Romano, que no ano de 313, sob o governo de Constantino permitiu o culto cristão e em 380, sob Teodósio, foi elevada à religião oficial do império – ao mesmo tempo em que todos os outros cultos pagãos foram proibidos – daí tendo se espalhado para todo o mundo com o tempo. Do culto hebraico instituído por Moisés, provavelmente baseado – senão uma simples cópia – na religião monoteísta imposta no Egito pelo imperador Akhenaton, surge a ideia do povo eleito, o hebreu (judeu).

Dentro de toda essa mitologia existe a história de que, um dia, esse deus único enviaria à terra um Messias – para nosso infortúnio foi mandado um Messias Bolsonaro, mas não é desse que se trata no caso – em grego, um *Christós*, ou seja, um Cristo. Por alguma razão, dentre as centenas de autoproclamados messias que vagavam, pregavam e faziam “milagres” pela Galileia, achou-se por bem que o chamado Jesus – aliás, nome típico da época – fosse reconhecido por meia dúzia como essa figura sagrada.

Menos pelos doutores da lei judaica, que o condenam a morte por HERESIA e perturbação da ordem pública.

Jesus, nunca foi cristão, ele era um homem judeu, assim como Karl Marx nunca foi marxista. Quando se estuda a fundo o judaísmo, se compreende que o amor ao próximo quer dizer: “o amor àquele que é igual você”.

Ao OUTRO, ao diferente, ao divergente, seu deus reserva fogo, raios, pestes, pragas, morte de primogênitos e outras “provas de amor”. Então, nos vemos hoje sendo governados por pessoas que se baseiam no que foi dito há milênios, nos cafundós do Oriente Médio, como se isso servisse à nossa realidade. Se os indianos tivessem “descoberto” o Brasil, certamente a massa que brada o nome de Jesus, gritaria por Shiva ou Brahma (se bem que tem muito brasileiro que venera uma Brahma gelada).

Se fossem os árabes, não poderíamos erigir o Maomé Redentor no alto do Corcovado, pois eles não reproduzem a imagem do seu profeta.

Se fossem tibetanos, seríamos budistas.

Se fossem os Iorubás, do império de Oió, Sàngo (Xangô), seria o nosso redentor. Logo, se vivemos em um mundo globalizado, que permite o contato com tantas culturas humanas diversas, que apresenta um sem número de divindades, todas poderosas, todas oniscientes, todas as únicas corretas, por que simplesmente aceitar o cristianismo sem crítica, sem debate, sem noção?

Aliás, depois de tanto tempo, de ver todo o poder de criação e destruição que a humanidade possui, por que ainda usar a muleta da religião em nossas vidas?

Sistema moral? Já temos sem ela. Leis? Já temos sem ela. Amor ao próximo? Já temos sem ela, assim como o ódio ao próximo também. Eu rio da criança que crê em Papai Noel e Unicórnio, tadinha, quanta ingenuidade.

Mas acredito que tudo que acontece no mundo, todas as desgraças, cada passo da minha vida, minhas derrotas e vitórias, estão conectadas com a presença de um ser que eu jamais vi, ouvi, cheirei, toquei, provei, como jamais o fez ninguém. Assumamos nossa humanidade e, com ela, nossa responsabilidade, nossas glórias e infortúnios, nossos defeitos e virtudes. Cantemos, com Lennon e Yoko, *Imagine...* Assim, quando uma criança se reconhecer como uma criança católica, ela pode saber que não nasceu assim e que ela pode até continuar sendo uma criança católica, mas, se quiser, poderá ser protestante, candomblecista, umbandista, espírita, budista, hinduísta, islâmica, xintoísta, confucionista, ateia, agnóstica ou cética. Ela não nasceu assim, mas em um mundo muito distante do ideal utópico em que a ausência de diferenças e o reconhecimento de todos, simplesmente como seres humanos, seria uma realidade.

E, não nascendo assim, ela pode ser o que ela quiser.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.